

Nota Preambular

RUI MANUEL LOUREIRO*

O Mar do Sul da China, a partir de finais do século XVI, foi palco de intensos *encontros e desencontros* entre diversas potências europeias. Os portugueses, firmemente estabelecidos em Macau desde cerca de 1555, haviam conquistado, através de um gradual processo de aproximação, o estatuto de intermediários comerciais entre o Celeste Império e numerosas regiões asiáticas. Outros europeus, e nomeadamente espanhóis e holandeses, tentaram repetidamente estabelecer relações directas com as autoridades chinesas, de modo a ocuparem lugar estratégico nos riquíssimos negócios da China. Mas, apesar de todas as adversidades, os portugueses lograram manter a sua posição privilegiada em Macau, através de uma hábil combinação de negócio, diplomacia e força militar.

Se a edição anterior da RCI recolheu contribuições diversas de historiadores que se têm dedicado ao estudo das vicissitudes da presença europeia na Ásia Oriental, o presente número, que completa o projecto, reúne um conjunto alargado de materiais produzidos por observadores europeus ao longo do século XVII. Textos maioritariamente preparados por homens com experiência do terreno, dão-nos conta de múltiplos aspectos do relacionamento que os europeus estabeleceram entre si e com o mundo e as gentes asiáticas. Algumas destas fontes são divulgadas pela primeira vez em língua portuguesa ou inglesa, resultando quer de edições de manuscritos até agora inéditos, quer de traduções de textos originalmente redigidos em castelhano, neerlandês ou francês. Outras fontes, embora anteriormente conhecidas em português ou em inglês, haviam sido divulgadas em obras já antigas ou em edições diplomáticas. O fio condutor da antologia que se apresenta foi dar conta, precisamente, dos *encontros e desencontros* inter-europeus ocorridos no litoral meridional da China ou nas periferias marítimas deste grande império asiático.

Cronologicamente, os textos seleccionados estendem-se desde cerca de 1597, altura em que ocorrem as viagens do flamengo Jacques de Coutre, até 1664, data em que o mercador português Francisco Vieira de Figueiredo redige a sua *relação das coisas do Sul*. Entre estes limites, surgem: testemunhos de cronistas espanhóis como Antonio de Morga; testemunhos de navegadores neerlandeses como Roelof Roeloffsz, Martinus Apius, Cornelis Matelief de Jonge, Jan Cornelozoon May, Willem Ysbrantsz Bontekoe, Seyger van Rechteren, ou outros anónimos; testemunhos de civis e religiosos portugueses, como Fernão Guerreiro, André Coelho, Jerónimo Rodrigues, António do Rosário e Sebastião Manrique; testemunhos de aventureiros europeus de diversas origens, alguns pouco conhecidos, como o mercenário suíço Élie Ripon ou o viajante inglês Peter Mundy, outros anónimos; e mesmo o testemunho de um macaense de origem chinesa.

Tematicamente, os textos dividem-se entre descrições de expedições marítimas, narrações de episódios guerreiros ou de experiências de cativo, e relações de natureza geo-estratégica. O alargado leque temporal e a diversidade temática asseguram uma amostragem suficientemente representativa dos escritos europeus, ou euro-asiáticos, produzidos no século de Seiscentos em torno do Mar do Sul da China. Entretanto, por razões de natureza didáctica, todos os textos vão precedidos de breves introduções contextualizantes e das anotações consideradas estritamente necessárias. Isto porque todos os esclarecimentos suplementares poderão ser encontrados nos dois instrumentos de trabalho que se anexam, a saber, uma cronologia comentada e um glossário abrangente.

Essa selecção de fontes é acompanhada por dois estudos inéditos, um deles analisando as sucessivas fases da construção do conhecimento europeu das regiões ribeirinhas do Mar do Sul da China ao longo dos séculos XVI e XVII, o outro abordando, e interpretando, a chegada dos holandeses à Ásia Oriental e os sucessivos assaltos que lançaram contra Macau. **RC**

* Doutorado em História pela Universidade de Lisboa, é professor convidado da Universidade de Macau e investigador do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisboa). Actualmente, é bolseiro da Fundação Oriente.

Foreword

RUI MANUEL LOUREIRO*

From the end of the 16th century South China Sea was the stage for numerous *encounters* and *clashes* between China and various European powers. The Portuguese, firmly established in Macao since 1555, achieved the status of commercial intermediaries between the *Celestial Empire* and several Asian regions, through a gradual process of approximation. Other European nations, such as Spain and Holland, sought repeatedly to establish direct liaisons with the Chinese authorities in order to take a strategic place in the lucrative China market. Yet, in spite of all these adversities, the Portuguese managed to sustain their privileged position in Macao through a skilful blend of business, diplomacy and military power.

While the last issue of RCI presented several contributions from different historical experts on the vicissitudes of the European presence in East Asia, this issue concludes the project by gathering a broad selection of materials penned by European observers during the 17th century. The majority of these texts were written by men with field experience, providing us with many different aspects of the relationship the Europeans established between themselves and other nations worldwide. Whether in Portuguese or English, this is the first time some of these sources are published. They are a result of both unpublished manuscripts and translations from texts originally written in Castilian, French and Dutch. Other sources, although previously known in Portuguese or English, were published only in either antique or diplomatic publications. The objective of the present anthology is to present the inter-European *encounters* and *clashes* along the southern coast of China or in the surrounding waters of this great Asian empire.

Chronologically, the selected texts span a timeline from around 1597 with the voyages of the Flemish Jacques de Coutre, to 1664, when the Portuguese merchant Francisco Vieira Figueiredo wrote his "*record of the things of the South*". Within this timeframe we find accounts from Spanish chroniclers such as Antonio de Morga; testimonies by various Dutch navigators, such as Roelof Roeloffsz, Martinus Apius, Cornelis Matelief de Jonge, Jan Cornelozoon May, Willem Ysbrantsz Bontekoe, Seyger van Rechteren, and others from anonymous authors; reports from Portuguese religious leaders and civilians, like Fernão Guerreiro, André Coelho, Jerónimo Rodrigues, António do Rosário and Sebastião Manrique; narratives from European adventurers of different origins, some quite unknown such as the Swiss mercenary Élie Ripon or the English traveller Peter Mundy, and some anonymous; there is even the testimony of a Macanese of Chinese origin.

Regarding themes, the texts are divided between descriptions of maritime expeditions, narrations of episodes in wartime or experiences in captivity, and reports of a geo-strategic nature. The wide timeframe and the thematic diversity ensure a suitable representative sampling of European and Eurasian writings originating from the South China Sea region in the 17th century. Meanwhile, for didactic reasons, all texts have a brief introduction placing them in their context and some annotations considered strictly necessary, since all additional clarifications may be found in the two tools attached, namely, an annotated chronology and a wide-ranging glossary.

The selection of sources includes two original studies. One is an analysis of the successive phases in the accumulation of European knowledge about the coastal regions along the South China Sea during the 16th and 17th centuries, and the other interprets the arrival of the Dutch in East Asia and the successive assaults they launched against Macao.

* Ph.D. in History, University of Lisbon. Visiting Professor at the University of Macao and researcher at the Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisbon). Currently holds a scholarship from the Fundação Oriente.